



VILA VERDE

« Nossa Senhora do Alívio »



Quinzenário Regionalista

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE N.ª S.ª DO ALÍVIO

Director e Editor ANTÓNIO M. V. SOUSA

VISADO PELA CENSURA

Administração. Res. Paroquial de Prado — Tel. 9223 — BRAGA

Comp. e imp. na Tip. «Diário do Minho» — BRAGA

AVENÇA

Uma figura que desaparece « O Vilaverdense »

Suspendo umas "Notas de Lisboa", já escritas e destinadas a "O Vilaverdense", para enviar, em sua substituição, estas breves linhas sobre o Professor Doutor Álvaro Vilela.

A notícia do seu falecimento, por inesperada, deixou emocionados os que lhe conheciam o carácter e a inteligência. Falando, aqui em Lisboa, com algumas pessoas cujas profissões se acham ligadas ao vasto campo do Direito, todas foram unânimes em reconhecer a alta capacidade do falecido Professor e em lamentar o seu desaparecimento.

Esta opinião geral, sempre valiosa, tem especial importância para os que sabem da complexidade do Direito Internacional, das dificuldades que o seu estudo envolve e da largueza de conhecimentos que os seus cultores têm de possuir. Na verdade, se um jurista de outro ramo pode, melhor ou pior, apreciar os problemas apenas com o conhecimento perfeito do direito positivo do seu país, o mesmo não sucede com os especialistas do Direito Internacional, que têm de se debruçar sobre muitos aspectos de legislações estranhas.

Se a envergadura intelectual do Professor Machado Vilela é sem dúvida alguma um motivo de orgulho para a nossa terra, não o é menos a inteireza de carácter que sempre demonstrou: e não se pode esquecer que, nos dias de hoje, talvez o carácter não se encontre com a facilidade com que se acha a inteligência.

Com o seu falecimento perde-se, enfim, uma personalidade, imposta à consideração alheia pelos méritos próprios. O seu nome é daqueles que, se um dia for feita a história do concelho de Vila Verde, a que me referi no último artigo, terá de ocupar nela destacado lugar. E termino estas ligeiras considerações, motivadas por um imperativo de justiça, apresentando ao ilustre Director deste Jornal, a expressão do meu pesar.

MIGUEL DA CUNHA

Notas de Lisboa

Divagações

Com o mês de Outubro a vida de Lisboa modificou-se. Terminaram as férias e, o mau tempo, apressou o regresso dos que tencionavam demorar-se na Província. O observador pouco atento talvez nada note de maior; mas quem analisar a cidade, depressa avalia o fenómeno e a sua importância. Julgo que, por exemplo, a grande maioria dos três mil merceiros da Capital sabe muito bem, através da diminuição do negócio, que muita gente goza de férias fora de Lisboa. A Carris, julgo igualmente, deve-o também saber, dada a facilidade com que no Verão se arranja lugar nos autocarros, ao contrário do que sucede agora, sobretudo ao fim da tarde. De certo modo isto é consolador por demonstrar que apesar das dificuldades existentes, o nível geral de vida tem melhorado.

As férias são necessárias a quem trabalha, principalmente nos grandes centros, onde o desgaste físico e psíquico é muito intenso; e creio não andar longe da verdade se pensar que há 30 ou 40 anos o desejo de ter férias e de passear era o mesmo de agora: simplesmente, nessa altura — além, claro está, das condições diferentes da vida — as possibilidades de concretizar tal desejo estavam abaixo das actuais.

Quem aos domingos de Verão andar pelas ruas de Lisboa, acha-as quase desertas. Eu gosto de dar esses passeios despreocupados para, à sombra compacta dos grandes edifícios, observar os progressos da Cidade. Ao fim do dia surgem de todos os lados verdadeiras multidões que foram retemperar energias nas praias, nos campos, nos montes.

Mas a nota que desejava salientar era a da intensificação do ritmo de vida. Não há já sectores paralizados ou em andamento moderado. Abriam as aulas, funcionam os tribunais, renovam-se os espectáculos, agitam-se problemas de arte.

Quem trabalha em Lisboa, está cá, e as praias e o campo deixaram de constituir atractivo. Para prender a atenção geral há, além das ocupações diárias... o futebol! E o alfacinha tem muito onde, o apreciar comodamente porque Lisboa está a ser cidade dos estádios. Já há cinco e um deles, o do Sporting, com a lotação de

(Continua na página 4)

O Director e editor deste periódico não podendo, por falta de saúde, continuar à frente da sua publicação, deixa ao critério da Irmandade de Nossa Senhora do Alívio o encargo de o fazer substituir de harmonia com a Lei, ou o da sua suspensão definitiva.

Portanto, a partir deste momento, qualquer responsabilidade legal ou outra, caberá à entidade proprietária.

António M. V. de Sousa

MODESTA INVOCACÃO

A morte do Dr. Álvaro da Costa Machado Vilela, meu ilustre conterrâneo, não deixou de conturbar o meu espírito, não pela intimidade que existia entre nós, pois só duas vezes me encontrei com ele, a última no dia 30 do passado mês de Setembro, na inauguração da Escola de Gomide, mas porque era um dos admiradores das suas qualidades e virtudes, através da popularidade do seu prestígio e da sua nobreza de carácter.

No seu coração, onde se albergava, como relicário da Caridade, a Bondade e o amor do próximo, encontraram os pobrezinhos do concelho um dos seus mais devotados protectores.

Como um dos fundadores da Misericórdia e do seu Hospital, Instituição de Assistência a que se dedicava de alma e coração e da qual fazia parte como principal orientador e prestigioso Provedor, a sua acção tornou-se notável pelo incremento que por sua parte lhe proporcionou. E sem falar nos altos cargos que desempenhou na sua vida pública, o seu nome está ligado a esse benemérito Apostolado da Caridade e do sentimento cristão, o mais significativo padrão de glória que ficará a recordar aos vindouros a grandeza da sua generosidade e a firmeza das suas convicções sentimentais.

Arrebatado pela morte, que não poupa ninguém, muito havia ainda a esperar dos seus reconhecidos méritos e da sua valiosa actividade no sector da assistência hospitalar de Vila Verde, concelho que, quer pela sua população, quer pela sua categoria, bem merece um Hospital em condições de corresponder à sua função social, como imperativo humanitário e bairrista.

Eram esses os anseios do Homem a quem dedico estas singelas palavras e essa circunstância bastará para que todos os vilaverdenses procurem perpetuar a sua memória contribuindo, cada um dentro das suas possibilidades, para a prosperidade daquela Casa de Caridade, cujas portas se abrem, de par em par, para receber os desprotegidos da sorte e lhes dispensar o devido lenitivo para os seus sofrimentos físicos.

Quantas dores se amortecem e

(Continua na página 4)

Santuário do Alívio

CONTINUAÇÃO

Sobre tudo o que se propuser se votará por favas brancas, e pretas, com declaração, que as brancas são para aceitar, e as pretas para regeitar; e o que se seguir por mais favas e se vencer se seguirá, e havendo empate de votos, o Juiz desempatará, e de tudo o que se vencer se fará termo; as favas dará o Procurador, e as tornará a aceitar em segredo de forma que não se saiba o que cada um vota.

Todos os oficiais desta Confraria juntos em Mesa elegerão um homem de honra, vida e costumes e de sã consciência para sacristão, o qual estará pronto, e terá abertas as portas da capela todos os dias festivos, e os mais que fôr necessário, tomando conta das esmolas e ofertas de N. Senhora do Alívio, com advertência que as esmolas pecuniárias as fará lançar em uma caixa fechada que para isso há na mesma capela, o qual se lhe pagará o seu trabalho à custa das rendas da Senhora e a arbítrio da Mesa.

Os mesmos oficiais da mesa mandarão fazer um cofre fechado com três chaves para guardar o dinheiro das esmolas de N. Senhora do Alívio, das quais chaves uma queremos esteja em poder do Rev. Abade desta freguesia, pois que o ardentíssimo zelo e fervorosa devoção edificou à sua custa e ornou e dotou a capela de N. Senhora do Alívio e se interessa no seu aumento, e na criação desta Confraria, outra estará em poder do Juiz, e outra em poder do Tesoureiro.

Nas Mesas se tomará conta de todas as rendas da Senhora e andando algum dinheiro a juro mal seguro se segurará com melhores fianças e se farão as tais mesas para o que necessário fôr para esta Confraria assim para segurança dos bens da Senhora, como para observância destes Estatutos, e mais negócios, e havendo dinheiro para se dar a juro, se dará não sendo necessário para reparos da mesma Capela e despesa desta Confraria.

CAPITULO 5.º

DO JUIZ E SUA OBRIGAÇÃO

O Juiz será Eclesiástico, ou secular, sempre homem de bons costumes, e maduro conceito, para que com ele possa decidir, e propor os negócios da Confraria; nas mesas proporá e mandará a elas os confrades que forem necessários para informação, ou representação, e também os oficiais que faltarem às suas obrigações os

(Continua na na página 6)

CIRCULAR

Parece ter-se esquecido o seu conteúdo e por isso vimos chamar para ela a atenção dos nossos prezados leitores, assinantes e colaboradores, afim de que a leiam de novo com atenção e procedam como nela se pede.

Ex.mo Sr.:

Como foi sugerido nas últimas reuniões do Rev. Clero do Arciprestado de Vila Verde, resolveu-se a publicação de «O Vilaverdense» para propaganda e defesa dos interesses económicos, morais, religiosos e sociais.

Para facilitar o serviço e tornar mais interessante o periódico, talvez quinzenário nos primeiros tempos, resolveu-se mais que a Redacção, além da principal, ficasse dividida em quatro zonas, a cargo de Redactores especiais de cada uma delas, que procurarão *escolher as notícias mais interessantes* dessas regiões e *enviá-las resumidas à Redacção principal ou Direcção* para estas as seleccionarem e publicarem, *tudo em termos comedidos, sem «linguagem despejada nem provocadora» como convém a pessoas educadas.* As zonas serão: Prado, Ribeira de Penela, Pico de Regalados e Vila Verde.

A propriedade editora e administrativa será da Irmandade de Nossa Senhora do Alívio, que pede a todas as pessoas, que receberem esta circular, o favor da sua assinatura e propaganda a favor do nosso concelho e das suas tradições religiosas e de trabalho.

Confiados no auxílio sobrenatural, antes de tudo, e no espírito bairrista de todos os bons Vilaverdenses, diremos:

Para a frente e de ânimo confiante!

A BEM DO CONCELHO DE VILA VERDE

Santuário de Nossa Senhora do Alívio, Novembro de 1955.
Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva (Juiz da Irmandade)
P.e António Maria Vilela de Sousa (Director)

Notas monográficas

Couto de Moure do Libão

No recenseamento de Entre Douro e Minho, mandado fazer em 1527 por D. João III, (por Carta Régia de 17 de Julho desse ano), publicado no Arquivo Histórico Português, Volume 3.º, páginas 241 e seguintes, encontramos a páginas 263 isto:

O COUTO DE MOURE

Item — Este Couto de Moure jaz peguado em Prado e he da jurdiçom do Arcebispo do Bragua todo e tem mea legua de termo de comprido e de larguo quauto de mea legua e parte do norte e nacente com Vylla Chaã e Larym do Comde de Vymyoso e do sul e ponente com termo de Prado e tem duas freguesias, a saber: Sam Gião e Sam Martinho de Moure e nom tem povoaçam junta uhuña e vyvem nelle per cassaes apartados os moradores em que somam per todos foguos, 63 moradores. Item Averá mais homês sorteiros de 18 até trynta annos, 35 mancebos. (À margem: nã entra Corregedor).

Temos dado a estas desenfastiadas notas o título que nos serve de epígrafe e surge-nos certa dúvida a respeito da primazia das freguesias que o compuseram: Sam Gião de Lágea e Sam Martinho de Moure, porque há documentos em que se lê *Couto de Moure de Libão* e outros que dizem: *Couto de Moure e Olivão*.

A primeira designação parece indicar a primazia da Laje, onde existe a *Casa de Libão*, que deve ser a forma correcta de escrever e não Olivão, como também se encontra frequentemente.

O motivo da minha afirmação é que *Libão* é chamada vila noutros documentos. Ora *vila* era outrora a *casa de campo* e o senhor dessa casa deveria certamente chamar-se *Libão*, o que, segundo as leis da fonética, veio a dar *Libão* ou *vila de Libão*, o que parece corroborar-se facilmente com as designações: *Cima de Vila*, já na freguesia de Toriz (é assim que deve escrever-se por ser derivação de *Theodoricus*) e não *Turiz*, como escreve muita gente, e *Fundevila*, já na Laje, a oeste da *Casa de Libão*.

Outros optam pela primazia de *Moure* por causa da *Casa da Câmara*. Mas a *Casa da Câmara* terá sido sempre na situação que tem hoje? Ponho-lhe minhas dúvidas, porque nos limites da *Laje com Moure*, no lugar da *Aguela* (designação comum às duas freguesias), houve outrora a *Casa do Conselho*, a *Cadeia* e o *Pelsurinho*, que passaram à *história* e foram beneficiar alguns senhores, que não tiveram o mínimo respeito pelas tradições, porque, se o tivessem, procurariam conservar esses padrões no lugar em que tinham significado e era de toda a justiça que estivessem.

Quem superintende nos *Monumentos Nacionais*, deveria também olhar para estas pequenas coisas que fazem parte da história nacional e a completam.

Não é a primeira vez que tenho ocasião de me referir a este assunto e, se Deus quiser, não deve ser ainda a última, porque há outras injustiças a reparar, como é a da inutilização do caminho da *Aguela*, comum às duas freguesias e a extinção do *carreiro de servidão* por onde era forçoso passar para administração de Sacramentos e também para abastecimento de água de consumo doméstico. As Autoridades superiores do Distrito e do Concelho já ali vieram e deviam ter constatado a razão que assiste aos reclamantes, porque nos planos de Obras municipais, para o ano próximo, se faz menção desse caminho.

Oxalá que esse plano se converta depressa em realidade para que o pároco, no exercício do seu ministério, não tenha de invadir propriedades particulares ou de andar a pedir favores que, por letra da lei, seriam desnecessários e o eram outrora e já no tempo do pároco actual da Laje, onde reside há mais de trinta anos e sempre havia atravessado pelo *carreiro* há pouco suprimido.

Acresce ainda que junto do lugar da *Aguela* foi montada ultimamente uma Empresa de Serração e para vantagem dos moradores dos lugares da *Aguela*, forçoso se torna que o reterido caminho seja aberto com a brevidade possível para não terem de andar à volta muitas centenas de metros, que poderiam poupar-se.

AMAVIL DE SOUSA

Ribeira de Penela

Outubro, 16.

MANUEL DA SILVA BRAGA — Retirou há dias bastante incomodado de saúde para a cidade do Porto este distinto cavalheiro que tinha vindo para a sua quinta *Amarelha*, da freguesia de *Azões* assistir às vindimas. Felizmente fomos hoje informados de que já passa um pouco melhor. Oxalá se restabeleça em breve, adquirindo novamente a preciosa saúde.

É este o desejo de todos os seus parentes e numerosos amigos.

ESTUDANTES — Tendo terminado o período das férias académicas, acabam de retirar para Braga os estudantes José e Joaquim Rodrigues da Silva respectivamente aluno do liceu e do Seminário e, bem assim, a sua irmã Margarida Rodrigues da Silva também aluna distinta do mesmo liceu.

Estimamos que continuem, como até agora, a estudar com afinco e a tirar boas notas.

VINDIMAS — Estão quase concluídas as vindimas nesta *Ribeira*.

A colheita regula, para mais ou menos, pela do ano transacto, mas a qualidade do vinho é muito inferior e, então, os que tiveram pressa com a vindima fizeram uma *zurrapa* capaz de talhar os dentes mesmo àqueles que possuem melhor ferragem.

BAPTIZADO — No Domingo passado recebeu as águas lustrais do baptismo na pia baptismal da paróquia de *Azões* um filhinho do sr. António Gonçalves e de sua esposa Palmira da Silva Alvarães, do lugar de *Amarelha* daquela freguesia. A criança nasceu em Lisboa onde se encontravam os pais que vieram propositadamente fazer baptizar o pimpolho na mesma pia onde também foram baptizados. — (C).

EM BRAGA A CASA DAS MALHAS

(DUAS CASAS EM UM SÓ NOME)
INICIOU AS SUAS CONHECIDAS E APAMADAS
FEIRAS DAS MALHAS

Onde serão vendidas milhares e milhares de peças em Malha, por preços nunca vistos!

São artigos para ricos, para remediados e para pobres! Artigos que para todos serve pelo preço e pela qualidade!

Esta FEIRA é completamente diferente de todas quantas temos feito; é a última FEIRA na CASA ANTIGA e queremos que fique dela uma grande RECORDAÇÃO

GRANDES DESCONTOS PARA REVENDADORES

Por terras do Pico de Regalados

FESTA DAS COLHEITAS

No dia 23 do passado mês de Outubro realizou-se nesta freguesia a festa das colheitas.

O povo desta aldeia que não costuma deixar-se vencer em generosidade para com as obras católicas, mostrou mais uma vez a sua boa vontade em cooperar com a hierarquia na grandiosa campanha agrária em boa hora iniciada pela direcção da Acção Católica na nossa Arquidiocese. Quando no mês de Agosto e Setembro parecia que os campos não produziriam o necessário o pároco e o povo desta freguesia fizeram orações ao Senhor a pedir o auxílio de Deus, prometendo realizar a festa das colheitas com a maior solemnidade, se o Senhor nos atendesse. Como a oração eleva a criatura e inclina o Senhor com a sua grande misericórdia, as nossas preces foram atendidas pelo Altíssimo. Os lavradores da nossa terra têm, os seus celeiros repletos com o milho que há-de ser o seu alimento durante o ano. Não admira portanto que no dia 23 do passado mês de Outubro toga a gente desta freguesia viesse à igreja, com as mãos cheias de géneros que, ofereceram ao Senhor. As 9,30 todos os filhos desta terra se sentaram perto do estabelecimento de José Maria Ferraz e no lugar de Souto onde se organizaram os dois cortejos em direcção à igreja paroquial. A frente dos dois cortejos, crianças da cruzada eucarística, conduziam grandes disticos onde se liam as seguintes palavras: — os habitantes dos lugares da nossa freguesia agradecidos ao Senhor pelos benefícios recebidos durante o ano; Estes disticos foram oferecidos ao nosso pároco pelo Senhor Director do «Diário do Minho», favor que agradecemos. O alto-falante do Senhor Alberto Peixoto, da Portela do Vade, que apenas irradiou discursos religiosos e marchas segundo as determinações superiores, convidava os filhos desta terra a juntarem-se na igreja para prestar homenagem ao Senhor. Seguidos os cortejos, começa a santa missa dialogada pela assembleia de cristãos. Ao ofertório a igreja da nossa terra, dava um aspecto interessantíssimo. Desde o mais pobre ao mais rico, todos trouxeram a sua oferta. Enquanto os brisos raparigas cantavam «nã patena do altar, ablação», os piedosos filhos da nossa terra colocavam as ofertas junto do altar.

O Senhor inclinou-se sobre os nossos campos, neste dia os sandenses inclinaram-se diante do

(Continua na 4.ª página)

DIA DE FINADOS

Neste dia de dor e amargo pranto
Vamos todos, cristãos, ao Campo Santo:
Ali repousa sob a terra fria
Quem nesta vida tanto nos queria.

Com flores adornemos-lhe a jazida
Há muito já talvez ali esquecida.
Que neste dia todo o coração
Para os finados tenha gratidão.

Sim, vamos todos, todos juntamente
E' uma vez no ano, uma sòmente!
Quem não terá nesta última morada
Algum parente seu, pessoa amada?

Essa dita sublime, essa ventura
Oh! não a tem a humana criatura!
Por isso vamos, pois o som plangente
Do bronze já convida o povo crente!

Entremos comovidos o portal
Daquela dos mortais mansão final:
Significam as flores que levamos
As saudades que deles conservamos.

Alguns terão ali os pais amados
Talvez há longos anos sepultados:
Outros terão maridos ou esposas
Irmãos ou filhos, mães tão carinhosas!

Ali repousam sob o ataúde
Pessoas que eram cheias de virtude:
Os ricos e os de humilde condição
Que a morte de ninguém faz distinção!

Ali descansam jovens e donzelas
Em vida tão airosas e tão belas:
Naquele campo triste, solitário,
Finda o mortal o seu itinerário!

Mas antes que daqui nos retiremos
Ao Céu o olhar magoado levantemos:
P'las almas dos fieis que ali estão
Façamos, ó cristãos, pia oração.

O' Senhora do Alívio, do áureo trono
Volvi-lhes meigo olhar e ao abandono
Não deixeis essas almas que vos amam
E do seu captivo por vós clamam!

Abri-lhes, doce Mão, por piedade,
As portas dessa alimpica cidade,
P'ra que possam cantar-vos lá na glória
P'ra sempre gratos hinos de vitória.

Mês das Almas

E' este mês de lágrimas e dores
P'la Santa Igreja às almas dedicado.
Ouvi, ouvi o seu ardente brado
Compadecei-vos delas pecadores.

No Purgatório sofrem os horrores
Daquelas chamas, por vos ter amado
Em excesso talvez, e cumulado
Na vida de mil graças e favores!

E' mister que sejais reconhecidos
A quem vos amou tanto e seus gemidos
Tenham eco nos vossos corações!

Lembra-vos que, naquele fogo vivo
Só vós podeis levar-lhe lenitivo
Com a esmola das vossas orações!

Travassós, Novembro 1956

C. Martins de Oliveira

Divagações

(Continuação da página 1)

sessenta mil pessoas, quase ao pé da minha porta. Embora não seja homem de bola gosto, uma vez por outra, de assistir a um desafio. Ora para ver o Sporting não tenho de me preocupar com o problema dos transportes porque posso, se necessário, ir a pé.

A paixão de futebol atinge em alguns casos proporções e expressões de espantar e origina as mais animadas conversas em todos os pontos da cidade. Há quem diga que isso é um mal porque a cultura e as coisas profundas é que as pagam; há quem diga que é um bem porque enquanto o público gasta o tempo livre com a bola e para ela canaliza as suas energias não se ocupa de assuntos que não trariam benefícios a ninguém. A mim, parece-me que o meio termo seria o ideal. Mas se realmente as massas têm, de qualquer maneira, de dispendir energias, de expandir forças psicológicas acumuladas; se é verdadeira, pelo menos parcialmente, a chamada «lei da quantidade», do inglês Grote, segundo a qual, «para que haja prazer é preciso que exista equilíbrio entre a actividade disponível e a actividade gasta, porque a dor vem de uma falta ou de um excesso de actividade»; se é tido como certo que o grande público de hoje, sem a bola, enveredaria com igual entusiasmo por outros caminhos, aceitemos a realidade actual e façam-se mais estádios. De resto há ainda que olhar para o aspecto económico do caso, bem conhecido de toda a gente. O futebol é hoje, em suma, um poderoso fenómeno social de que não podemos alhear-nos.

É certo que o físico das massas não lucra muito com os desafios — salvo no que respeita ao ar puro respirado — porque, afinal, quem pratica o desporto são apenas 22 homens em cada campo — e os espectadores são aos milhares!

No entanto as vantagens gerais são inegáveis. Pelo menos, durante a hora e meia de jogo, está-se livre do ar poluído por milhares de motores em funcionamento constante e pelas unidades industriais.

Nisto pensei ainda há pouco, no novo e magnífico estádio do Belenenses, para mim o mais agradável de Lisboa por dele se abranger a paisagem maravilhosa do Tejo, sempre a lembrar a nossa vocação marítima. Além de tudo, a cultura não corre grande perigo pois as suas manifestações não faltam. A algumas conto referir-me, mas hoje... fico pelo futebol e pela súbita intensificação da vida de Lisboa que, dando comodidades por um lado, dá trabalhos e fortes desgastes por outro. E neste último aspecto, está-se bem melhor na tranquilidade de uma aldeia porque, ou me engano muito, ou o homem vai já sofrendo as consequências de algumas das suas extraordinárias invenções e dos problemas que elas lhe criam.

MIGUEL DA GUNHA

A' Senhora do Alívio, a «Consoladora dos Aflitos»

Mãe e Senhora do Alívio,
Amparai-nos nos perigos,
Que surgem, como inimigos,
Roubando o Vosso convívio.

O' Senhora, dos aflitos
Sois consoladora leal,
Pois vós lhes curais o mal,
Que choram em altos gritos.

Velai nossa juventude
Com o Vosso olhar, Senhora,
Como boa guia e pastora
De mera solicitude.

Nosso concelho, Senhora,
Recorre com humildade
P'ra Vós, mãe de Caridade
Pedindo a Paz p'ra cada hora.

Aliviai as nossas dores,
Senhora e Mãe de Jesus,
Com a Vossa graça e luz,
Acolhei os pecadores.

Tende de nós compaixão,
Pois temos muitos pecados
E assim 'stamos condenados
P'lo mal, sem libertação.

Misericordiosa Rainha,
Alumiai com Vossa luz
O rosto de Deus, Jesus
A quem para Ele caminha.

18 de Outubro de 1956.

António de Sousa Araújo

Relojoaria Pinto



Nós somos artes difíceis
E repletas de enredo...
Mas "Relojoaria Pinto"
Desvendou-nos o segredo!

Instalações de Alto-falantes em todos os locais,
mesmo onde não haja corrente eléctrica
Consulte os nossos preços, que são baratos
e experimente os nossos serviços

**Completo
sortido
de
relojoaria**

Consertos em:
Relógios
Conta-quilómetros
Rádios, etc.

António de Oliveira Pinto

Avenida Central, 172—Telefone, 2842—BRAGA

Apreciações ao Vilaverdense

Das muitas referências elogiosas que temos recebido acerca do nosso jornal, destacamos uma, ultimamente recebida dum estimado assinante, para que vejam como é querido e apreciado por quem tem olhos de ver.

* * *

Luanda, 20 de Setembro de 1956

Ex.mo Senhor
Director do jornal «O Vilaverdense» — Prado Vila Verde.

Ex.mo Senhor

Tenho em m/ poder um exemplar do jornal «O Vilaverdense, que passo a assinar.

Foi uma verdadeira surpresa para mim, e ao mesmo tempo senti uma alegria íntima, ao devorar as novidades da nossa terra.

Senhor director: Só nós, os que trabalhamos tão longe do torrão natal, podemos avaliar quanto nos são queridas essas notícias que nos mitigam as saudades, e que servem ao mesmo tempo de lenitivo, para as suportar.

Por isso, foi com grande e íntimo orgulho que mostrei «O Vilaverdense» ao redactor do jornal «O Apostolado», órgão da direcção das missões católicas em Angola, que teceu os melhores elogios pelo seu aspecto gráfico, e pelo desenvolvido noticiário sobre o concelho.

Só desejo, que a vontade dos fundadores não desanime, e que o lema seja sempre de mais e melhor, para bem de Vila Verde e do concelho.

Peço a V. a S. a o favor de mandar o jornal por via aérea informando-me do custo da assinatura por um ano que pagarei adiantadamente.

Sem outro assunto, subscrevo-me com estima e consideração

De V. a S. a
Atenciosamente

Arnaldo Ribeiro Lopes

ALÍVIO

Movimento religioso

No dia 28 de Outubro o povo da freguesia da Loureira veio com as suas irmandades e meninos da Cruzada em peregrinação a este santuário, onde mandaram cantar uma missa em acção de graças a N. S.ª do Alívio pelo bom resultado obtido numa melindrosa operação a que teve de ser submetida a sra. Clotilde Loureiro.

Também durante a primeira quinzena deste mês vieram aqui muitos devotos, em carros ligeiros e a pé, de Guimarães, Arcos, Monção, Ponte do Lima, Porto, Lisboa, Gerês, Amares, etc. assim comoromeiros de Prado, Laje, Moure, Soutelo, Palmeira e Frossos.

O REITOR

P.º José Dias Gomes

Aniversários

A 2 de Novembro, o do P.º José Nunes Monteiro, Pároco de Freiriz;

A 9, o do sr. Dr. Marino Leitão de Carvalho, antigo Director da «Folha de Vila Verde».

A 16, o de D. Maria da Glória Torres Vilela de Sousa, filha do vilaverdense Alvaro Vilela de Sousa, residente em S. Paulo;

A 20, o de D. Maria Luísa Almeida e Sousa, filha do nosso assinante, sr. Alberto Vilela de Sousa;

A 21, o do sr. Cônego Manuel Martins Cepa, Dig.º Reitor de Alvarães;

A 29, o do sr. João Manuel da Silva e Sá, de Rivadal — Rio Mau—antigo vereador da Câmara Municipal.

Modesta invocação

(Continuação da 1.ª pág.)

quantas lágrimas se enchugam num Hospital!

Pois bem: seja o reflexo dessas dores e dessas lágrimas o maior e o melhor estímulo para imortalizar a memória do Dr. Alvaro Machado Vilela e para convencer o povo de Vila Verde de que a sua Misericórdia precisa do carinho e da protecção de todos para se elevar no conceito da Caridade, a mais bela virtude dos que sabem compreender e sentir o sofrimento alheio. Que assim seja.

Mário Meneses

Imprensa «A Cooperação»

Em Lisboa N.ª, Rua de Alves Torgo, 13, iniciou a sua publicação esta excelente Revista Bimensal de Cultura, Informação e Divulgação Técnica, de belo aspecto gráfico e destinada a largo futuro. Folheamo-la com interesse e recebemos dela a melhor impressão.

Fazemos os mais sinceros votos por que seja acolhida com a simpatia que merece e por que tenha a mais larga difusão entre os amigos da cultura e do progresso.

«O Dever»

Completo 28 anos de existência este bem elaborado semanário da Figueira da Foz, sob a direcção segura de Mons. Parinhas.

«Apostolado»

Comemorou também o seu 21.º aniversário este brilhante órgão da imprensa da Arquidiocese de Luanda.

As nossas felicitações a todos.

Do Pico de Regalados

(Continua na 3.ª página)

altar e disseram o seu obrigado ao Senhor.

As duas horas e meia da tarde realizou-se a adoração solene, com o agradecimento ao Senhor e ao fim foram leiloados os géneros oferecidos.

Os nossos louvores aos sandenses, (não esquecendo a Senhora D. Maria das Dores Freitas e filhos que mandaram os seus criados e filhos com toda a qualidade de géneros colhidos nas suas terras.

PRECES, MES DO ROSÁRIO E NOVENA AO BEATO NUNO DE SANTA MARIA

Conforme a determinação do Venerando Prelado da Arquidiocese fizeram-se especiais orações ao Senhor pelos heróis que lutam pela liberdade das suas pátrias na Europa Oriental. Desde o dia um ao dia quatro do corrente, cerca de 200 pessoas comungaram por essa intenção e no dia quatro o nosso bom amigo Lino Meireles de Carvalho mandou celebrar uma missa pelos briosos filhos da Hungria que cairam gloriosamente no campo da batalha.

Desde o dia 23 de Outubro a cinco do corrente fez-se a novena em honra do Beato Nuno de Santa Maria a pedir ao destemido soldado português a sua protecção para a nossa pátria e a sua valiosa intercessão junto de Deus pelas nações católicas da Polónia e Hungria.

Alegremo-nos no Senhor ao ler nos jornais as notícias referentes às manifestações de carinho prestadas pelas multidões aos Primazes da Polónia e Hungria. O Papa Pio XII, lembrava na sua encíclica a devoção do povo da Hungria, ao Santíssimo Sacramento. Sabemos que o amor de Deus ainda não desapareceu dos corações desses católicos valorosos que se vão da lei da morte libertando.

Tem-se feito o mês do rosário e das almas com grande concorrência de fiéis e no dia dois de Dezembro começará a novena em honra do Sagrado Coração de Jesus, pregada por um dos melhores professores do Seminário de Braga. Recomendamos aos nossos amigos de Lisboa que, se puderem mandar uma pequena consoada ao Sagrado Coração de Jesus para ajuda desta festa que se prolongará até ao dia 10 de Dezembro, dia da nossa padroeira, Santa Eulália; desde já agradecemos.

OBITO

No lugar da Lomba desta freguesia, faleceu no dia 2 do corrente, a Senhora Maria Fernandes, casada com João Freitas Meireles, e que apenas contava 67 anos de idade.

Era uma pessoa que gostava de fazer bem a toda a gente e por isso foi muito sentida a sua morte. Realizou-se o seu funeral no dia três do corrente com assistência de sete sacerdotes. Os nossos pésamos ao Senhor João Freitas Meireles e seus briosos filhos. —C.

As mais lindas rosas de Portugal

As mais famosas árvores de frutos

PLANTAS AS NOSSAS ARVORES E COLHEIROS OS MELHORES FRUTOS CATALOGOS GRATIS

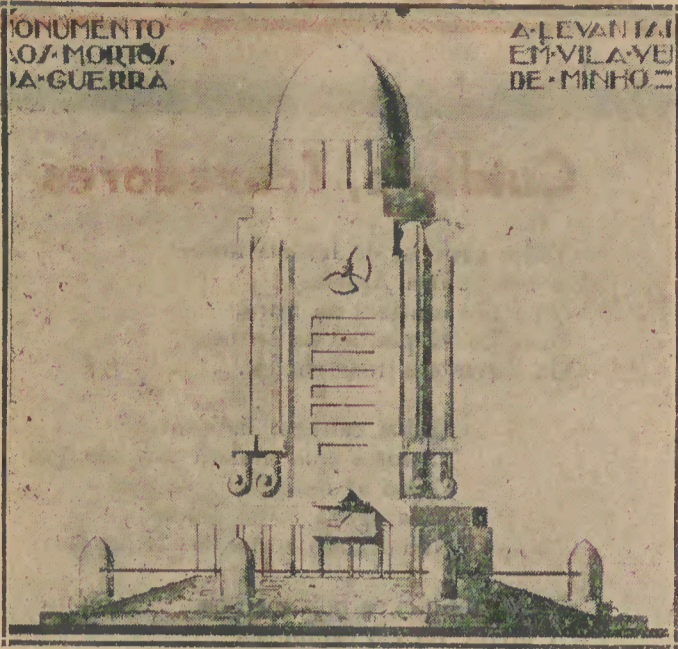
Arvores florestais—Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Moreira da Silva e F.ª, L.ª

Rua D. Manuel II, 55—PORTO

DE VILA VERDE



Deliberações da sessão ordinária da Câmara Municipal de Vila Verde do dia 2 de Novembro de 1956

NOVA ESCOLA DE CODEÇAL — DUAS IGREJAS — Uma comissão de paroquianos de Duas Igrejas pede a abertura urgente da nova escola de Codeçal, em Duas Igrejas, por estarem cerca de 80 crianças sem instrução. A Câmara manda remeter a exposição à Direcção Escolar.

ESCOLAS NA LAJE — A senhora Antónia de Magalhães Pereira, propõe ceder à Câmara até ao prazo máximo de três anos um edifício para a escola, sem pagamento de renda, desde que a Câmara se comprometa a dar prioridade à construção da nova escola nessa freguesia.

DOENTE EVADIDO DO HOSPITAL-COLÓNIA ROVISCO PAIS — Do Hospital-Colónia Rovisco Pais comunicam que o docente Bento da Silva Couto, da freguesia de Cervães, se evadiu do referido Hospital.

ESCOLA DE TURIZ — A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais autorizou a Câmara a adquirir uma área de 1.225 metros quadrados de terreno a D. Dalila Vilela Guimarães, para a construção da escola gémea de duas salas em Turiz.

APROPRIAÇÃO DE TERRENO BALDIO EM CABANELAS — A Junta da freguesia de Cabanelas comunica que David de Oliveira Santos, dessa freguesia, se apoderou de um terreno com mil metros, baldio, nas barreiras de Crute. A Câmara manda ao Capataz para informar.

INQUERITO A UM CANTONEIRO — Manda a Câmara inquirir por o cantoneiro Manuel Queiroz, não se encontrar ao serviço, na Estrada de Cervães, à hora de trabalho, como devia.

ESCOLA DE GONDIAES — A Direcção Escolar informa, relativamente à exposição feita por diversas pessoas de Gondiaes sobre a necessidade urgente da abertura da nova escola, que está a organizar-se o respectivo processo para abertura imediata.

LUGAR DE ESCRITURÁRIO DE 2.ª CLASSE NA CAMARA — Maria da Conceição Ferreira Reis, tendo os requisitos legais para ser nomeada para o lugar vago nesta Câmara de escriturário de 2.ª classe, apresenta a documentação para a sua nomeação.

CRIAÇÃO DO POSTO DA G.N.R. EM PRADO — Do Governo Civil officia pedindo diversos elementos da Câmara para a organização do processo de criação do Posto da G.N.R. em Prado. A Câmara manda satisfazer.

INAUGURAÇÃO DE DIVERSOS ORGANISMOS DE ASSISTENCIA EM MARRANCOS — O Reverendo Pároco comunica à Câmara que vai inaugurar solenemente diversos organismos de assistência em Marrancos, em cuja solenidade estarão presentes diversas entidades oficiais. Pede o arranjo do caminho de acesso ao edifício da sede. A Câmara manda arranjar o caminho.

ESTRADA MUNICIPAL DE CERVAES A PARADA DE GATIM — A Direcção de Urbanização pede diversas obras de conservação na estrada municipal de Cervães a Parada de Gatim. A Câmara manda ao Capataz que informe.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA A CARREGOSO — LAJE — A Direcção de Urbanização informa que estando o tempo actualmente sem chuvas, seria a época oportuna para se efectuarem os ensaios na fonte de Carregoso com a presença do sr. Engenheiro de Minas. A Câmara concorda com o dia a indicar pelo senhor Engenheiro de Minas ou pela Direcção de Urbanização.

CASA CLARO

DE Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

SEDE — Rua D. Diogo de Sousa, 100

FILIAL — Rua Francisco Sanches, 91

TÉLEFONE 2305 — BRAGA

«A' margem do Homem»

Paçô

OUTUBRO, 24

Baptismo

Na igreja paroquial desta freguesia, com o nome de Maria do Carmo, foi baptizada, a 22 de Setembro, uma filhinha do Sr. Manuel Fonseca Gonçalves e Sr.ª Idalina de Almeida.

Visita

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta freguesia os irmãos, nossos conterrâneos, Srs. Luís Alfredo Pereira e Manuel Augusto Pereira, funcionários da Embaixada do Brasil em Wasington, Estados Unidos da América, que vieram passar as suas férias ao nosso país. Depois de passarem alguns dias nas propriedades que o primeiro possui em Vila Franca de Xira, vieram matar saudades a esta sua terra e visitar sua mãe, a sra. Maria Branca das Neves Macuas, do lugar de Passos. Ao sr. Luís Alfredo, que já retirou com sua esposa a retomar as suas funções, bem como a seu irmão sr. Manuel Augusto, que breve retira com o mesmo destino e depois de passar mais uns dias entre os seus que aqui ficam, desejamos boa viagem e muitas prosperidades. — C.

S. Miguel de Oriz

NOVEMBRO, 4

Baptismo

No passado domingo, 28 de Outubro, foi baptizada na nossa igreja paroquial uma criança do sexo feminino, filho de José da Silva Coelho e de Maria Ondina Dias, lavradores do lugar de Boi-Morto, tendo recebido no acto o nome de Maria Rosa.

Visitas

Vimos nesta freguesia os srs. António de Araújo e António Martins de Barros, do lugar da Igreja, que vieram de Lisboa, onde exercem a sua actividade, em visita a suas famílias.

Queda desastrosa

Encontra-se retida no leito a sra. Rosa Maria Taveira, esposa do sr. Abílio Fernandes da Costa, do lugar de Mazagão, por motivo de se ter desequilibrado e caído num caminho, do que resultou ficar com uma perna fracturada. Desejamos-lhe rápidas melhoras. — C.

S. Pedro de Valbom

NOVEMBRO, 5

Retiradas

Depois de passar alguns dias entre nós, como dissemos na última correspondência, regressou à sua actividade em Lisboa o nosso amigo e assinante, sr. Alberto Pereira Pinto (Sabugueiro).

— Com destino ao Brasil, para tentarem, como novos obreiros, abanar a célebre «árvore das patacas» (já tão abanadinha...) embarcaram, no dia 14 de Outubro, o sr. José Ilídio Machado, do lugar da Saidoura, e no dia 31, a bordo do «Conte Grande», o sr. Aníbal da Costa Martins, do lugar de S. Bento.

Desejamos-lhes boa viagem e feliz colheita.

Festividades

Na vizinha freguesia de Souto (Terras de Bouro) realizou-se ontem, depois de um tríduo de

práticas preparatórias, a festa em honra do Sagrado Coração de Jesus, constando de Missa de comunhão geral, missa solene com sermão e, à tarde, adoração ao SS.mo, procissão eucarística e bênção. A parte coral foi desempenhada pelo grupo de cantoras da freguesia e, tanto no tríduo como na festa, todos os actos foram transmitidos para o exterior por uma aparelhagem sonora que, nos intervalos, emitiu música de discos religiosos e profanos, estes porém com mais moderação que de costume...

— No próximo domingo, dia 18, realiza-se idêntica festividade na vizinha freguesia de S. Martinho de Valbom. — C.

Santa Marinha de Oriz

NOVEMBRO, 30

Baptismos

Com o nome de Silvestre Baptista, foi baptizado na nossa igreja paroquial, a 21 de Outubro passado o 1.º filhinho de António Martins e Florinda da Silva Dias, do lugar da Regada.

De visita

A passar alguns dias entre nós, encontra-se na sua casa do lugar da Igreja o Sr. Manuel de Sousa, que há anos exerce a sua actividade na nossa Marinha mercante.

De Covas (Cont. da pág. 2)

Ao momento do Ofertório desfilam os representantes de cada família que em muitos casos, eram crianças, com suas ofertas. Ora pouco, ora muito, no rosto de cada um divisava-se um certo pesar de não poder ser mais.

E, enquanto os parcos foguetes anunciavam a generosidade e a juventude cantava a «Doação», o celebrante fazia deslizar essas ofertas pelas mãos de filiados até junto dos pés de S.to Isidro para que, por ele oferecidas ao Senhor, melhor simbolizassem o ser de cada uma.

A tribuna está repleta, só falta fazer a alusão.

Terminada esta, continua a Santa Missa até ao momento da Comunhão, onde teve de ser largamente interrompida, porque o povo se abeirou em massa.

Apenas faltava o remate. E a chave de ouro foi a adoração ao SS.mo Sacramento. Se desmereceu na duração, em virtude do leilão final, mereceu e compensou pelo número e fervor.

À porta da Igreja, na despedida da família reunida, foi arrebatada parte dos géneros.

«O Vilaverdense» VENDE-SE:

no Santuário do Alívio, na Agência de Jornais, Revistas e Seguros, em Vila Verde e na residência paroquial de Prado.

Foi grandioso o Cortejo das Colheitas

a favor da reconstrução da Igreja Velha de Vila Verde

No domingo, dia 28 de Outubro, a Sede do Concelho de Vila Verde viveu um dos dias mais alegres e felizes da sua história paroquial. Foi celebrada a primeira festa paroquial e das colheitas, com um imponente cortejo, cheio de vida rural, de alegria, em que todas as famílias da freguesia, com apenas umas quatro excepções, levaram as suas ofertas para a reconstrução da Igreja Velha Matriz Paroquial.

O fim desta festa era mais espiritual, não se atendia muito ao rendimento monetário, mas sim a demonstrar a unidade da freguesia à volta do seu pároco e o amor à sua paróquia.

Eram cerca de dez horas, quando o extenso cortejo começou a ser organizado na Avenida Central, em frente aos Paços do Concelho. O espectáculo era grandioso. Estavam representados, largamente, todos os lugares da freguesia, com quarenta e um carros, artisticamente engalanados, transportando madeiras, materiais de construção e géneros agrícolas.

Cerca de duzentas raparigas e rapazes, com dísticos alusivos, cheios de notas do banco, cantavam alegremente com agrupamentos típicos regionais de música.

O extensíssimo cortejo à qual se agrupava o povo da freguesia, por lugares, com as suas comissões à frente, deu volta ao Campo da Feira, que quase enchia as ruas centrais.

Era uma alegria extraordinária. Ao chegar ao Passal Velho, em frente à Igreja Velha Matriz, em altar posto numa tribuna, ao ar livre, foram benzidos os carros, os instrumentos da lavoura e os campos pelo rev. Pároco P.e Manuel Gonçalves Diogo, que, logo a seguir, explicando ao microfone, o significado destas cerimónias, deu princípio à Missa Campal.

As raparigas cantavam em uníssono a Missa do Peregrino. Ao ofertório, foi um espectáculo imponente.

Toda a gente levantou no ar as suas oferendas enquanto o sacerdote erguia a hóstia na patena e o cálice.

Depois, muitas centenas de pessoas — homens, mulheres, rapazes, raparigas e crianças — desfilaram perante o altar, entregando suas ofertas, sendo-lhes dado, como recordação, um santinho.

A seguir, o rev. Pároco fez uma alocução, sobre a santidade do trabalho, a beleza da Casa de Deus, e ainda o significado da Igreja Velha Matriz na vida paroquial.

Terminou a Santa Missa, à meia hora da tarde.

As três horas, novamente se concentraram cerca de duzentas raparigas e rapazes, vestidos à moda regional com as suas tocatas, que desfilaram, com enorme multidão de povo em direcção à Igreja Velha.

Procedeu-se à arrematação das ofertas, até ao cair da noite, tendo toda a gente retirado para as suas casas, dando vivas à sua freguesia, ao seu pároco e aos seus lugares.

O cortejo, que é o início da reconstrução da Igreja Velha, rendeu cerca de 20.000\$00, sendo as obras computadas em 40.000\$00.

Foram muito apreciados os carros da Obra das Mães, que representava uma casa portuguesa, com o seu lar, e a família à sua volta, e o dos rapazes do Vilaverdense F. C., cheio de materiais de construção. A alegria que causou esta festa é indescritível.

Santuário do Alívio

(Continuação da página 1)

admostrará, e os remissos os condenará junto com os mais oficiais da mesa até duzentos reis, e em lugar do réu mandará chamar o que serviu o mesmo cargo no ano antecedente, e sendo condenado e não pagando se proporá em mesa para se riscar, mercendo-o o seu débito.

Terá uma chave do cofre, e se aprontará com ela para este se abrir todas as vezes que for necessário lançar nele o dinheiro das esmolas de N. Senhora do Alívio, e trará a vara nas procissões, com beca com distinção das mais.

CAPÍTULO 6.º

DO ESCRIVÃO E SUA OBRIGAÇÃO

O Escrivão será Eclesiástico, podendo ser, ou secular; pessoa que saiba ler e escrever; a ele pertence fazer todos os termos, e carregar todas as despesas e recibos, descarregar juros nos livros dos contratos e carregar os novos, declarando a nota em que se fez a escritura, o dia, mês e ano, e os fiadores dela, tirar o rol dos que deverem juros, e entregá-los ao Procurador para a sua cobrança.

CAPÍTULO 7.º

DO TESOUREIRO E SUAS OBRIGAÇÕES

O Tesoureiro será um confrade lavrador desta freguesia, abonado de bens e de boa vida e costumes e sã consciência, para que com zelo e devoção trate os bens da Confradia e que não necessite ajudar-se deles.

Terá a chave do caixão e nele guardará com grande cuidado toda a fábrica desta Confradia, a qual não dará sem licença da mesa com pena de duzentos reis. Receberá por termo toda a fábrica que constar do inventário da Confradia, e todo o dinheiro do depósito, e do líquido que houver comprará a cêra necessária, e cobrará o recibo do cereeiro, para mostrar nas suas contas; cobrará os juros, e guardará o pano de linho que se juntar no peditério até que se mande vender pela mesa.

Terá uma chave do cofre em que se há-de guardar o dinheiro das esmolas de N. Senhora do Alívio, e se porá pronto com ela todas as vezes que for necessário abrir-se o mesmo; terá um mapa dos confrades ou aliás sendo-lhe pedido cera para algum confrade falecido irá saber do Escrivão se o tal defunto era confrade e sendo-o lhe dará duas velas de oito à libra, e perguntará o dia e hora em que se há-de dar o tal confrade à sepultura, e fará o aviso ao Procurador para o ir acompanhar com beca e cruz, e este o fará aos mordomos que por turno se seguirem para acompanhar a cruz com duas luzes, isto sendo o confrade falecido desta freguesia, ou ainda das freguesias vizinhas.

Havendo dinheiro das rendas e esmolas de N. Senhora do Alívio, não sendo necessário para reparos da Capela e despesas da Confradia, o fará patente ao povo para se dar a juro.

Terá grande cuidado de ter cobrado os juros em dia da festa para se não dilatarem as contas, e os que não pagarem dará parte em mesa para o Procurador os obrigar.

CAPÍTULO 8.º

DO PROCURADOR E SUAS OBRIGAÇÕES

O Procurador será um homem de boa vida e costumes, e de sã consciência, ágil e que tenha conhecimento da Confradia e do que nela há, será obrigado a correr com as demandas, e solicitar todos os negócios da Confradia, e fazer todos os requerimentos que forem necessários para a boa administração dos bens da mesma. A ele pertence dar aviso para as mesas e fazer tudo o mais que pela mesa lhe for mandado, no que respeita ao bem desta Confradia; irá com a beca e cruz acompanhar o cadáver dos confrades falecidos nesta freguesia e vizinhas, no dia e hora, que pelo Tesoureiro for avisado, e fará aviso a dois mordomos que por turno se seguirem para irem acompanhar a mesma com duas luzes, e levará a cruz nas procissões. Vigiará com todo o zelo se o sacristão cumpre as suas obrigações e não as cumprindo dará parte em mesa para se dar a esse respeito a devida providência.

CAPÍTULO 9.º

DOS MORDOMOS E SUAS OBRIGAÇÕES

Os Mordomos serão quatro confrades ágeis e zelosos, estes serão obrigados a acompanharem a cruz com duas luzes todas as vezes que sair aos enterros dos confrades e procissões da Confradia, ou outra a que ela vá por costume, ou urbanidade, isto alternativamente, a saber, dois de uma vez e dois de outra, e sendo avisados, e não vindo por si, ou por outrem, estando impedidos, pagará cada um por cada vez que faltar cinquenta reis.

Serão obedientes ao Juiz e mais oficiais no que respeita às obrigações da Confradia, sob a mesma terão cuidado em ornar o altar de N. Senhora do Alívio com flores no tempo que as houver e no dia da festa ornar com flores o altar e juncar a capela com junco.

CAPÍTULO 10.º

DO SACRISTÃO E SUAS OBRIGAÇÕES

O sacristão será um homem de boa vida e costumes, de sã consciência e inteligente, e este será obrigado a tratar do ornamento e asseio da Capela de N. Senhora do Alívio, varrendo-a todas as vezes que for necessário, tendo as portas abertas da mesma capela todo o dia em os dias festivos e todos os mais que ele julgar conveniente ou pela mesa lhe for mandado.

Tomará conta das ofertas e esmolas da Senhora, com advertência porém, que as esmolas pecuniárias serão lançadas em uma caixa fechada que para esse efeito há.

Terá um mapa para nele carregar as Missas e suas esmolas, terá outro em que carregará as ofertas de N. Senhora declarando a qualidade da oferta e quem é o devoto que oferece.

QUADROS DE HISTÓRIA NATURAL NATURAL

O Ésquilo

O Ésquilo tem costumes doces; e embora apanhe algumas vezes as pequenas aves que se encontram ao seu alcance, em geral ele não vive de carne. A aveta, a laude, a faia e outros frutos selvagens são o seu alimento ordinário. Tão asseado como ágil, faz com a cauda larga um ornamento que eleva sobre o corpo e sobre a cabeça em forma de penacho.

Quando é obrigado a atravessar a água esta mesma cauda lhe serve de vela e de leme, para dirigir uma casca de árvore, que forma como que um barco.

Sempre no ar, assemelha-se às aves pela sua ligeireza. Por meio das unhas, que são muito agudas, ele trepa sobre a casca mais lisa, e percorre as florestas saltando lentamente de árvore para árvore.

Como não é senão semi-selvagem, parece também ser só semi-quadrúpede. Assentado sobre as patas posteriores e quase de pé, serve-se das dianteiras como de mãos para levar qualquer coisa à boca. Um pequeno grunhido em tom agudo, é sinal do seu descontentamento.

O Ésquilo parece temer o sol e não deixa a sua morada senão perto da noite para tomar alimento ou para se divertir.

Constrói o seu ninho sobre a bifurcação de um ramo, nas cavidades mais elevadas e lhe dá espaço e solidez bastante para aí se alojar com sua família ao nascer. A fêmea dá à luz três ou quatro filhos, na Primavera. Estes animais são muito mais numerosos ao Norte do que em qualquer outro clima. Fazem-se pincéis com os pelos da sua cauda.

Para rir

No auto-carro:
— O homem... não vale a pena desesperar-se assim por causa de uma dor de dentes. Isso é passageiro...

— Cala-te... se o chamas passageiro, o condutor cobrará a passagem por ele.

— Motorista, por quanto nos leva ao teatro, a mim e a minha senhora?

— Por 5\$00.

— E se eu for só?

— A mesma coisa: 5\$00.

— Estás vendo, Joana, quão pouco caso fazem da tua pessoa? Vás ou não vás, cobram o mesmo.

O melhor café é o



A Brazilero

DE

Mário Joaquim de Queirós & C.

TELEPHONE, 2104

BRAGA

Cuidado, Trovadores

Todos cantais, de hora a hora,
A beleza das Aldeias,
Quer nos matizes da flora,
Quer no despontar da aurora
Ou sorrir das luas-cheias...

Todos cantais, delirantes,
Pastores que andam nos montes,
Como as moçoilas galantes,
Inda agora como dantes,
Namorando ao pé das fontes...

Todos cantais os bois mansos
A lavrar férteis campinas,
As pombas nos seus remansos
E a bizzarria dos gansos
Passeando entre as boninas.

Todos cantais louçanias
Das rosas primaverais
E o linho das pradarias
Do qual fazem as Marias
Os seus lindos enxovais...

Todos cantais das abelhas
Os constantes remoinhos
E a mansidão das ovelhas,
Ora a balir nas cortelhas,
Logo a saltar nos maninhos.

Todos cantais, sem apodos,
As belezas das Aldeias,
Onde a água nasce a rodos,
E o pão de um é de todos,
E' de todos e às mãos-cheias...

Quem ouvir vosso cantar,
Vossas trovas farfalhosas,
Certamente há-de julgar
Que a Lavoura é de invejar,

Ai! Poetas! Devaneios
Não digo que os não tenhais;
Mas... esses tais galanteios
Fazem lembrar garganteios
De esgançados pardais.

Sim, Poetas da Cidade,
Que pena vós me causais!
Porque a vossalma só há-de
Afirmar felicidade
Onde abundam tantos ais?

Alegrias, paz, ventura,
Sempre existiram na Aldeia.
Mas qual de vós porventura
Já mediu toda a amargura
De quem trabalha e não ceia?

Trabalha o Povo a cantar?
— Quem canta seu mal espanta...
Gosta de rir e folgar?
— Com vontade de chorar
Quantas vezes a mãe canta...

Ai! Poetas sonhadores,
Que lindos sonhos sonhais!
Cantai, cantai, trovadores,
Mas de tantos lavradores
Pobrezas não esqueçais...

Ao menos cantar baixinho
Que seja a vossa divisa,
Pois, se fazeis borborinho,
Quem já vende todo o vinho
Pode ficar sem camisa...

Carlos de Vilar

CASAS DOS TERÇOS

DE

António Teixeira Fernandes

Rua Francisco Sanches, 85-89

BRAGA

Telefone, 2862

Casa especializada em terços nacionais e estrangeiros. Estampas para Comunhões, Missas Novas, Diplomas, etc.
Estampas encaixilhadas de diferentes tamanhos; Crucifixos, pias de água benta, imagens de terra cota e todos os artigos para o Rev. Clero.

Livraria Religiosa e Artigos de Papelaria

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Descontos para revenda e ao Rev. Clero